

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV  
N.º 678

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECULO**

## UMA LENDA

por MANUEL FERREIRA



**H**AVIA grandes festas naquele famoso reino do Encanto. Suas majestades, o rei Feliz e a rainha Bela, estavam satisfeitos, pois tanto haviam pedido às boas fadas um

sucessor do trono.

Ora, num lindo dia de primavera, as flôres reverdeceram. As aves triavam com mais doçura. Os grilos, as cigarras e os coelhos assomavam às suas luras e tocas, para ouvir os sinos:

— «Dião! Dião!»

— «Trri-ti-ti, trri-ti-ti, boa nova vem

ai!» — cantarolavam os passarolos.

A cavalo numa borboleta de muitas côres, um gnomo, anãozinho da floresta, veio satisfazer a curiosidade da bicharia, das flôres e dos regatos:

— «Trago-lhes uma novidade lá da cidade. Nasceu uma princezinha, tão linda, tão formozinha, que parece um anjo do céu. Os cabelos são fios de luz...»

— «Tal qual as minhas penas?» — perguntou o canário.

— «Sim, amigo. Os olhos são côr de esmeralda...»

— «Como a minha água?» — perguntou o regato.

— «Sim. A boca é vermelhinha...»

— «Da côr dos meus frutos?» — perguntou a cerejeira.

— «Sim. É um verdadeiro encanto. Amanhã, lá vão as fadas baptizá-la. Vou, agora, dar-lhes a noticia... Até logo!»

E o anãozinho partiu.

No outro dia, conforme o gnomo dissera, realizou-se uma grande festa no palácio. No seu bercinho de sonho, a princezinha sorria. Vieram as fadas e tôdas estavam de acôrdo em que nunca fôra vista tão angélica beleza. Puseram-lhe o nome de Rosalinda e a fada da Maravilha foi sua madrinha.

A princezinha cresceu. A fada da Maravilha aconselhava-a sempre. Um dia, trouxe-lhe três anões da floresta:

— «Vieram de longe para te educarem e instruírem. Este gnomo é o Pim e há-de contar-te anedotas divertidas e ensinar-te engenhocas. Esta é a Pam que só descansará quando tu conheces os segredos da etiqueta, da costura e dos bordados. Por último, apresento-te o Pum, que te irá ler, arrebatado, as narrativas singulares da História, Zoologia e Geografia de terras maravilhosas.»

Na companhia da anãzinha e dos



# Amai as avezinhas

Por JOSINO AMADO

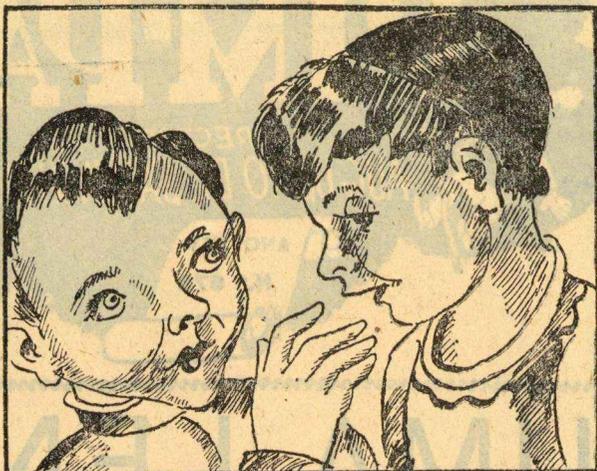
**Q**UAL bando festival de linda passarada,  
A quem alguém abra a porta da gaiola,  
Saüdando a liberdade, a luz abençoada,  
Alegres vão saüdo os pequenos da escola.

O velho professor acaba de fechar  
A porta à casa humilde, a quem adora tanto,  
E onde vem labutando, há que anos, a semear,  
Com a fé dum herói e a renúncia dum santo,  
O pão do A B C, o Sol felicidade,  
Nos tenros corações da lusa mocidade.

E parte a passear. A tarde está serena;  
Pelos campos em flôr, na paz da Natureza  
A quem tanto êle quere, os pulmões oxigena.

A Primavera veste um manto de beleza,  
Touca-se p'ra noivar de embalsamadas flores  
Que encherão os quintais aos pobres lavradores.

E o velho professor contempla o panorama,  
Sentado, embevecido, olhando o Sol poente,  
O astro criador, amortalhado em chama,  
Agonizando além. Nisto, casualmente,  
Ao ir-se a levantar, por trás duma silveira,  
Ouviu, contente, alguém falar desta maneira:



— «Ó José, ó José, olha que lindo ninho!...  
Olha, olha, não vês aqui neste raminho,  
Vamos tirá-lo a ver os ovos que já tem?...»

— «Não faças tal, João. Não ouviste, outro dia,  
O que o Mestre contou? Pois eu lembro-me bem.»

— «Tens razão, tens razão...»

— «Vamos daqui embora  
E deixemos viver em paz, em alegria,  
Nos seus berços de amor, os lindos passaritos.»

O professor sorri, com um clarão de aurora  
A iluminar-lhe o peito e chama os pequenitos.

— «Vinde cá, vinde cá... Nos vossos corações  
Eu sinto germinar a semente bendita,  
Que há-de purificar, um dia, as gerações.»

E abraça-os. Que feliz, que alegria infinita,  
Sente dentro de si, sorrindo, o pobre velho,  
Prêgador do A B C, redentor evangelho!

E partem todos três a caminho da aldeia,  
Enquanto, além, no céu, desponta a lua-cheia.

■ ■ F I M ■ ■



dois gnomos da floresta, a princesa nada ignorava. A porfia, os seus companheiros iam-lhe formando a alma. Passaram anos. Rosalinda tornou-se uma linda e bondosa senhora. Então, lembrando-se da criançaçada do seu encantador país, resolveu fundar um jornal, com as histórias, anedotas

e conselhos dos seus queridos anões. Claro está que a princesa Rosalinda pôs ao jornal o nome de Pim-Pam-Pum.

Gostaram, pequeninos leitores, da lenda do nosso querido jornalzinho?

**Nota:** Por motivo de força maior não nos é possível publicar hoje a conclusão do conto:

— «Viagens aos Planetas» e o nosso concurso: — «Encontrai rimas e fixai conceitos» que prosseguirão, regularmente, do próximo número em diante.

# CIDADE MARAVILHOSA

Por JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

**A** VÓZINHA, — disse a neta, — continua a história que estavas a contar.»  
 E a doce velhinha narrou, então:  
 — « Quando eu era criança — há que rôr de anos lá vai isso! — os meus avós contavam que, noutros tempos, havia na Ilha da Madeira uma coisa maravilhosa, digna de ser vista e contada. Essa coisa tão bela, era um formidável jorro de luz fantástica que todos os anos, ao baterem nas torres as doze badaladas da noite de trinta e um de Dezembro, se via no Funchal, elevando-se a grande altura, sob os olhares extasiados de todos os habitantes da Ilha.

— Era uma cidade luminosa como as encantadoras cidades do Oriente, no seu jeito, na sua côr, no seu encanto e no seu deslumbramento.

Nessa cidade via-se uma graciosa princezinha, no meio dum cortejo extraordinário, la ricamente vestida e enfeitada, entre outras princezinhas, também encantadoras, tôdas com ricos colares e enfeites de pérolas valiosas, diamantes, esmeraldas, safiras, turquesas, topázios, enfim, tôda a mais rara e preciosa pedraria. As flôres mais mimosas e de perfume mais delicado, atapetavam os caminhos, num delirante sonho de côres e de perfumes, entre nuvens transparentes de incenso, de mirra, de cravo da Índia, de lótus da China, de baunilha...

Esse faustoso cortejo ia deslizando, solenemente, pelas majestosas alamedas orladas de sumptuosos palácios, construídos com os mais finos mármoreos.

Havia-os de ágata, de jaspé ou de alabastro, com ornatos, incrustações e embutidos de madre-pérola, de marfim, de ouro, de coral e de outras preciosidades arrancadas às entranhas da terra ou às profundezas do mar, junto de alamedas intermináveis, ladeadas por cedros, ébanos, sândalos e canforeiras.

Bandos de pavões e de aves do paraíso, esvoaçavam, e alvas pombinhas, arrulhando, miravam-se nos lagos misteriosos.

Peixinhos doirados, côr de fogo, côr de pérola, azuis-celestes ou prateados, serpenteavam em tórno de casais



de cisnes, alvos como arminho, que deslisavam majestosamente, sob um chuvaire de repuxos arco-iris, ou da côr do luar.

Em tão luzido cortejo não faltavam filas e filas dos mais valorosos senhores, formosas damas, e gentis jovens. Uns, iam derramando perfumes; outros, conduzindo tigres e leões amansados; outros, ainda, montando enormes e dóceis elefantes, seguidos por grupos de lindas dançarinas, requebrando-se nas ondulações e cadências dos seus bailados, ao som dos «mordongos» e hipnotisadores de serpentes, tocando flautas mágicas, e forçando aquelas a tôda a sorte de habilidades fantásticas. Depois, uma luzida cavalgada, com prestigiosos rajahs, montados em seus cavalos de raça e ricamente ajaezados de prata, de sedas bordadas a oiro, e com pedras preciosas incrustadas nos arreios.

Fechava o deslumbrante cortejo — que nem eu mesma sei descrever bem — a massa enorme do povo, vestido com trajos tão estranhos como nunca fôra visto na nossa Ilha.

Essa cidade maravilhosa era uma verdadeira obra de fadas...

Mas, de repente, quando ninguém o esperava, tão formosa cidade desaparecia do céu da Madeira, que ficava escuro, e os olhos dos que a contemplavam ficavam como cegos. Nem as estrêlas se viam. Só se podia notar um delicioso e estonteante perfume no espaço.

Dizem que êsse perfume era o aroma do amor, e que aquela cegueira momentânea deu aos olhos das mulheres madeirenses uma expressão sonhadora e um brilho sem igual.»

A ingénua criança estava maravilhada com a história que a sua avózinha acabára de lhe contar. E comentou: —

— « Tem graça, avózinha... Já uma vez me pareceu vêr êsse cortejo tão lindo, no fogo do Fim do Ano.»

— « É natural, minha nêtinha, porque aquilo que todos os anos nós vemos na noite de São Silvestre é uma sugestão dessa outra fantasia que te contei. Uma reprodução livre e moderna dêsse inolvidável sonho oriental.»

Noite de S. Silvestre, na minha terra!...

Se o Mundo soubesse quanto ela encerra de sonho, de amôr, de poesia, de côr e de luz, aqui viria todo, para vê-la e para lhe render homenagem.



fim

# Em busca da felicidade

Por LEONOR DE CAMPOS

**A** Raposinha Mateira já não sabia que inventar para conseguir governar a vida. Muito preguiçosa, não lhe apetecia trabalhar. E agora, estendida ao comprido na sua toca, pensava na forma de arranjar de comer, sem se incomodar.

— «Que fazer, dona Raposa?» — murmurava ela, a coçar a cabeça, os olhos pequeninos, muito vivos, a saltarem nas órbitas.

De súbito, levantou-se dum salto:

— «Achei!» — exclamou, muito contente. E apertando uma na outra as patas dianteiras, felicitou-se a si própria:

— «És um portento, dona Raposinha. Vales bem mais, dentro desta pele castanha e pobre, do que as tuas colegas prateadas, que tanto agradam à mulher do Bicho-Homem!... Os meus parabéns!...»

Pouco depois dirigia-se ao covil do compadre Lóbo.

— «Compadre!... Compadre!... Ouça lá a novidade!...»

— «Então, que temos?»

— «Saberá que me bateu à porta, há um instantinho, a Andorinha Alviçeira. Ia de viagem e não podia demorar-se. Mas não quis deixar de me prevenir que, por todo o mundo, um pêlo da cauda de raposa é hoje considerado um talismã.

— «E que é isso de talismã, comadre?» — indagou o Lóbo, desconfiado.

— «Talismã é amuleto...»

— «E o que é amuleto?»

— «E' feitiço!...»

— «Mau, mau!... A comadre está a

brincar comigo e eu não gosto!... O que é isso de feitiço?»

— «Olhe, compadre... Não lhe digo mais nada, senão isto: — «Pêlo de raposa dá felicidade!...»

— «Essa agora? — exclamou o Lóbo, de olhos muito arregalados. Que está para aí a dizer?»

— «É assim mesmo, compadre. Foi um grande sábio que descobriu isto. Vossa bicheza decerto não vai duvidar das afirmações dum sábio!...»

— «Ah, não. Lá isso, não!...»

— «Pois claro. Logo vi que um bicho tão inteligente como o meu compadre, nunca duvidaria das palavras dum sábio!...»

— «Evidentemente...»

— «E, já agora, como eu sou muito modesta e gosto pouco de exhibições, faça o compadre a propaganda entre a bicharada. Diga que sou moderada nos preços e que sacrifico a minha linda cauda, apenas pelo desejo de vê-los todos felizes...»

— «Está dito, comadre!...»

— «E agora, em paga da sua boa vontade, aqui tem a minha oferta.»

E, arrancando um pêlo da cauda, ofereceu-o ao Lóbo, acrescentando:

— «Guarde bem. Trar-lhe-á a felicidade!...»

O Lóbo agradeceu, comovido. E, no

dia seguinte, reboou por montes e vales o seu pregão:

Ouvi, escutai  
Esta novidade!...  
Pêlo de raposa  
Dá felicidade!...

Dona Raposa Mateira,  
Em preços mui moderada,  
Tem apenas êste fim:  
Vêr feliz a bicharada!...

E quem não tiver cabeça,  
Amigos... não paga nada!...

Está-se mesmo a ver que os clientes da Raposa Mateira afluíram de todas as florestas, bosques, matos, montanhas e desfiladeiros...

A porta da sua toca, formou-se interminável bicha de bichos. Tudo queria a felicidade que a raposa de bom grado cedia, em troca de galinhas gordas, anafados cabritos e nédios perús...

E retiravam-se, muito contentes, convencidos de que o pêlo da raposa os livraria de desgostos e aflições, lhes daria a saúde e a tranqüilidade...

Raposinha Mateira prosperava a olhos vistos. Tivera que mandar alar-

(Continua na página 7)



# O PEQUENO HEROI

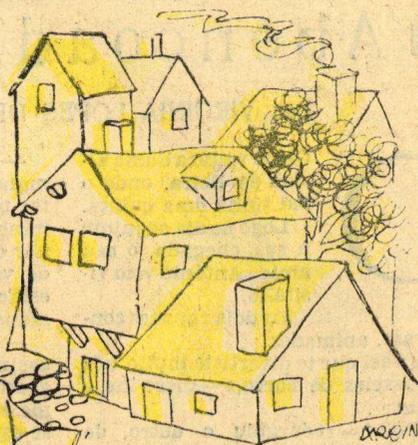
Por MARIA ARCHER

**L**ONGE, muito longe daqui, batiam-se dois países em guerra feroz. Onde ficavam? Talvez num continente perdido... Chamemos-lhes a Brancónia e a Negrónia.

A espionagem, a soldo das duas nações, campeava por toda a parte. E o chefe da espionagem da Negrónia

reclamava, continuamente, o envio de gente hábil e dinheiro a ródos, para satisfazer os terríveis compromissos e responsabilidades

grupo de rapazinhos entre os dez e doze anos inteligentes e instruídos,



MAR/ND7



falando linguas estrangeiras, para o auxiliarem na vigilância dos seus agentes.

A carta, enviada com as cautelas usuais, chegou ao seu destino. E logo se ofereceram uma dúzia de petizes, cheios de entusiasmo e dedicação patriótica, que se arriscavam de boa vontade a todos os perigos — mesmo a morte — pela causa da sua Pátria. A Negrónia merecia o sacrifício!

Era preciso embarcar para a Brancónia. O navio dos cúmplices esperava-os. De noite, bem ocultos, entraram para o barco e esconderam-se no porão do combustível. Era medonho, cheio de carvão, e os pequenos encolhiam-se num canto, receando que os espíões da Brancónia, esses temerosos espíões que a Negrónia não conseguia desmascarar, dessem fé do embarque e eles fóssem prêsos ao entrarem, clandestinamente, no território inimigo.

O momento revestia-se dos mais graves aspectos. Como se podia saber se entre os marujos do barco não havia algum espião? E se os guardas da alfândega eram todos fiéis? E se o motorista do «taxi» não seria espião da Brancónia? Enfim, naquela aventura podia-se desconfiar do ar, da água...

do seu cargo. Ele operava mesmo na capital da Brancónia. Conseguia informações preciosas e enviava-as por emissários secretos e fiéis. Mas, um dia, como sempre sucede nessa medonha vida da espionagem, reconheceu que alguns dos seus agentes o traíam. Horror! Era o descalabro da sua organização, a morte ameaçando tudo e todos, a Negrónia em perigo... Que fazer? Cumpria-lhe mandar vigiar os agentes, mesmo os que supunha fiéis, e, ao primeiro indício de traição, matar o traidor antes dele ter tempo de ser prejudicial.

O chefe escreveu para a Negrónia pedindo que lhe mandassem mais agentes. E que muito conviria a remessa dum

torista do «taxi» não seria espião da Brancónia? Enfim, naquela aventura podia-se desconfiar do ar, da água...

O navio partiu. Os pequenos sofriram horrivelmente, mas não se queixavam. Já sabiam que precisavam de se sacrificar e faziam-no com coragem.

Tantos dias metidos entre o carvão! Que horror! Mas, enfim, chegaram à Brancónia. Era de manhã; três dos pequenos saíram para o cais, vestidos de ganga e com caixas de engraxadores, tal qual como os pequenos engraxadores do país; e, à parte, os outros três saíram também para a

(Continua na página 8)

# A ESPERTEZA DA LILI

Por DALIA MARIA

À Lili vi ofrecer  
Um vistoso pacotinho  
De rebuçados, dos finos,  
Que se apressou a comer.

Mas por ser feio os meninos  
Com outros não repartir,  
Preguntou-lhe o avôzinho,  
Meio sério, meio a rir:

— «Repartiste os rebuçados,  
E como devia de ser?»

— «Reparti, sim, avôzinho;  
Não lhe dê isso cuidados;  
E até bem repartidinhos:  
Para mim, os rebuçados;  
E para o mano, os versinhos!  
— Como êle já sabe lêr!...»



Ry D'Alto

# Abençoada lição

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O

Chico voltára duma aldeia da Beira, onde o pai tinha uma quinta.

Logo no dia seguinte à sua chegada, o seu amigo António veio visitá-lo.

Os dois rapazes conversaram, animados.

— «Já sei que te divertiste muito nos teus passeios de burro.» — disse-lhe o António.

— «Pois! — redarguiu o outro, de mãos nas algibeiras, muito importante — Sabes lá!... Fazia-os andar a «nove»! Arranjei um pico de piteira e conseguia, assim, pô-los a trote!»

Com um ar pesaroso, o António interrompeu-o:

— «Pobres burros! Tu não tens dos animais!? Lá na nossa propriedade também há dois burros. O Russo e o Serafim.»

O Chico desatou a rir, comentando:

— «Serafim é nome de gente!»

— «E nós tratamo-los tão bem como se fossem gente. Somos tão amigos deles! Quando saio para longe, vou de burro, mas nunca lhe bato.»

— «Essa agora! — exclamou o Chico, espantado. — Deixas, então, que eles sigam à vontade?!... Que grande aborrecimento! Assim, levas um século para chegar a qualquer sítio!»

— «Nem por isso. Os burros não são mandriões nem tão burros como muitos pensam! Até sabem melhor os caminhos, quando nos deixamos guiar por eles. Se, de vez em quando, andam de vagar, lá têm as suas razões! Ou estão cansados ou os caminhos são maus...»

— «Pimpão, o Chico tornou: — «Pois assim, dessa maneira, não lhes acho graça nenhuma! Sem bordoada, não me entendo com eles. Quero cá saber se estão cansados!»

O que é preciso é que corram, para me divertirem!

Cada vez mais triste, o António disse, desconsolado:

— «És muito mau! Aposto que és capaz de pisar as formigas e outros bichinhos que vivem na terra?»

— «Então, eu havia de estar sempre a olhar para os pés?... E para que presta essa bicharia?» tornou o outro, com o maior desdém.

— «Olha, as formigas são animais que devíamos imitar, aprender com elas a ter método, engenho e actividade.»

— «Ora! Só servem para nos comerem os doces, as gulosas!»

— «Pazem o mesmo que tu, quando os apanhas a jeito.»

O Chico, fingindo não ouvir esta consideração do amigo, disse:

— «Bichos engraçados, são os pássaros! Quando eu apanhava algum ninho e eles piavam, muito esgançados!»

— Outra cousa que eu não gosto! — replicou o António. — Faz-me muita pena trazer para casa avezinhas quâsi sem penas e deixar os pais a piar aflitos por perderem os filhos.»

Impertinente, o outro tornou: — «Com essas ninharias é que te entretens?»

Que sensaborão me saíste! — Olha, vamos aproveitar o resto da tarde para brincarmos um bocadinho, queres? podemos brincar às burricadas. Eu faço de burro... Que te parece?»

E o Chico desatou a imitar os zurreos do burro:

— «An! An! An!...»

Então, surrateiro, o António pegou num pau, que estava a um canto da casa, dizendo:

— «Tiveste uma bela idéa! E para que não me chames sensaborão, também me quero divertir. Vou-te fazer andar a «nove», já que és um burro!»

Zás! Trás! Trás!... com o pau ia batendo no outro que dizia, aflito, aos berros.

— «Isso não vale! Lá bordoada não!»

— «Pois tu não dizes que os burros se devem tratar assim?»

E pás! catrapás! — continuava a zurrir o pau, à pancadaria ao outro.

— «Já vês as dores que eles sofrem e se não é maldade tozá-los, para te divertires.» — dizia, sem parar de bater.

Para se livrar das pancadas, o Chico quis subir para cima duma cadeira, mas escorregou e caiu.

Impassível, o António pisou-lhe as mãos.

— «Ai! Ai! Ai! — gritou o outro. — Também é demais! Para que me pisas?»

— «Para te fazer o mesmo que tu fazias às pobres formigas. Essas, coitadas, morrem logo, por serem muito pequeninas e fracas.»

Então, o Chico levantou-se a custo, muito dorido e exclamou:

— «Tens razão! Nunca mais tornarei a ser mau para os animais.»

O António sorriu, satisfeito:

— «Prometes?...» Aqui o pau deixou de bater.

Com um ar muito arrependido, o Chico tornou: — «Podes estar certo disso. Deste-me um tal castigo!... Estou moído que nem uma salada!»

Gaiato, o António insinuou:

— «Ainda não te piquei com a piteira como tu usas com os burros!»

Logo, mudando de tom:

— «Bem, por hoje, basta de brincadeiras!»

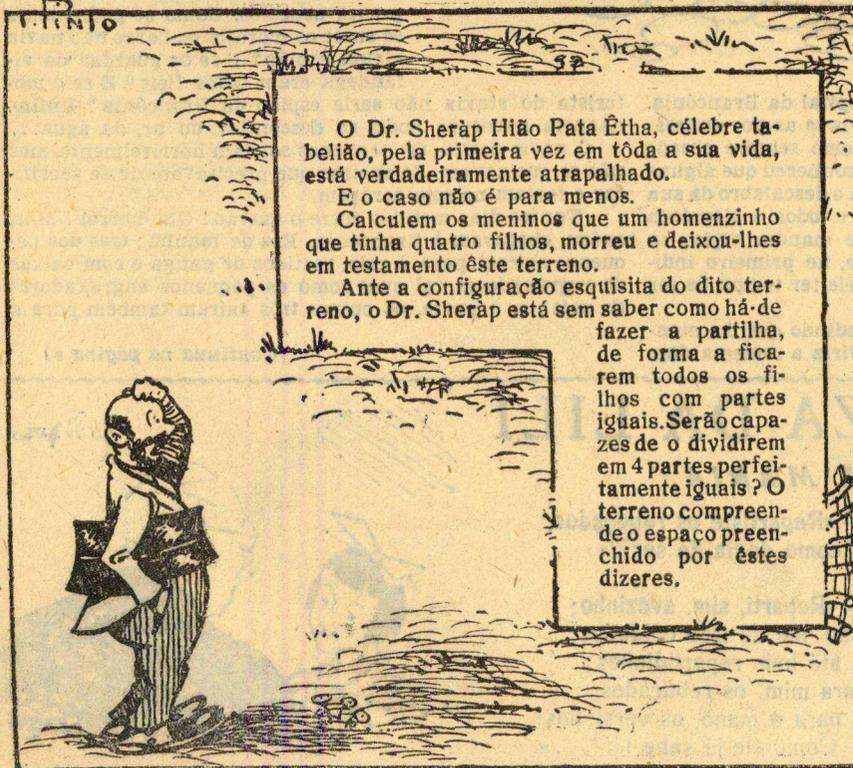
Ao que o Chico responde, muito arrebitado:

— «Tu chamas a isto brincadeira?! Livra!...»

— «Não foi brincadeira, não! Foi uma grande lição que te dei. Amanhã brincaremos a valer. Agora, tenho que ir estudar e tu também. Julgo que são horas.»

E seguiu para casa, enquanto o Chico só teve ânimo para se ir deitar, jurando, de si para si, nunca mais maltratar nenhum animal.

## A D I V I N H A



O Dr. Sherap Hião Pata Êtha, célebre tabelião, pela primeira vez em tôda a sua vida, está verdadeiramente atrapalhado.

E o caso não é para menos.

Calculem os meninos que um homenzinho que tinha quatro filhos, morreu e deixou-lhes em testamento este terreno.

Ante a configuração esquisita do dito terreno, o Dr. Sherap está sem saber como há-de

fazer a partilha, de forma a ficarem todos os filhos com partes iguais. Serão capazes de o dividirem em 4 partes perfeitamente iguais? O terreno compreende o espaço preenchido por estes dizeres.

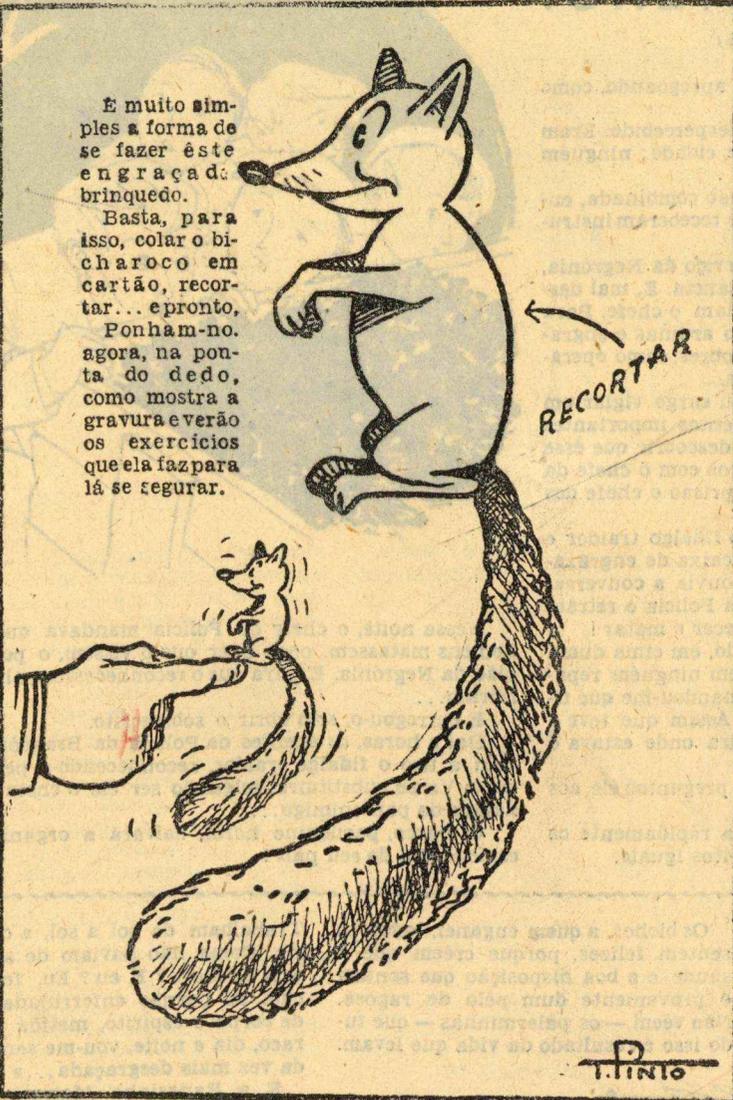
ENIGMAS PITORESCOS

A  
•  
R  
A  
P  
O  
S  
A  
•  
E  
Q  
U  
I  
L  
I  
B  
R  
I  
S  
T  
A

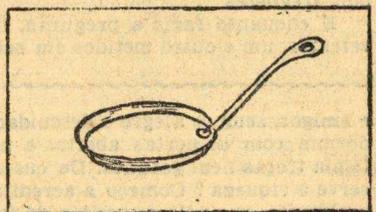
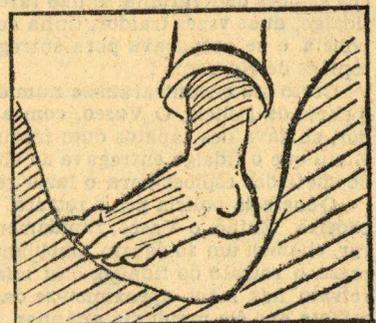
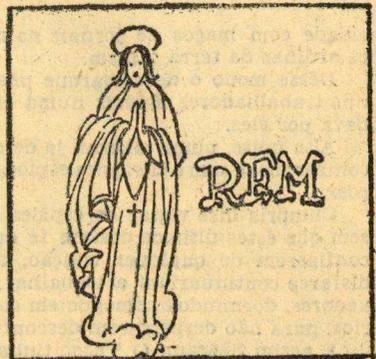
É muito simples a forma de se fazer este engraçado brinquedo.

Basta, para isso, colar o bicharoco em cartão, recortar... e pronto,

Ponham-no agora, na ponta do dedo, como mostra a gravura e verão os exercícios que ela faz para lá se segurar.



T. PINTO



Quais são as terras portuguesas acima representadas?

Em busca da felicidade

(Continuação da página 4)

gar a toca para nela caberem os seus haveres. A beleza da cauda é que desaparecia rapidamente. Esta reduzia-se, agora, a uma espécie de vassoura muito usada.

Então, lembrou-se doutra artimanha. Fechou a toca e pôs à porta um lereiro:

Encerrada para reparações.

— «Agora vou descansar— disse para consigo—. Estou rica. Posso viver muito tempo sem trabalhar. Entretanto, a minha cauda voltará a revestir-se da sua linda pelagem.

Afinal, a felicidade que estes patetas vieram procurar, encontrei-a eu, graças à minha esperteza...»

Mas... Raposinha Matreira enga-



Qual é o ditado representado por este desenho?

nava-se a si própria. A-pesar-de rica, nenhuma felicidade sentia.

No receio de que a roubassem, não conseguia dormir, nem sossegar. De dia não passeava, para que os vizinhos a não trocassem ao verem a sua miserável cauda. E, mal anoitecia,

trancava portas e janelas, por causa dos ladrões.

Até que, um dia, se rendeu à evidência. E confessou:

— «Não há dúvida!... Era muito mais feliz quando era pobre e trabalhava. Corria tudo, visitava parentes

# O PEQUENO HEROI

(Continuado da página 5)

cidade com maços de jornais na mão e apregoando, como os ardinhas da terra faziam.

Dêsse modo o desembarque passou despercebido. Eram uns trabalhadores a mais numa enorme cidade; ninguém dava por eles.

Alta noite, numa taberna já de antemão combinada, encontraram-se com o chefe dos espíões, onde receberam instruções.

Cumpria-lhes vigiar os espíões ao serviço da Negrónia, sem que estes últimos dêsem fé da vigilância. E, mal desconfiassem de qualquer traição, avisariam o chefe. Para disfarce continuariam a trabalhar, como ardinhas e engraxadores, dormindo e comendo em casas pobres, como operários, para não despertarem desconfianças.

E assim fizeram. O Vasco tinha a seu cargo vigiar um fidalgo da Brancónia que vendia documentos importantes aos espíões da Negrónia. E não tardou a descobrir que esse fidalgo, duas vezes traidor, tinha encontros com o chefe da polícia e se preparava para entregar à prisão o chefe dos espíões de Negrónia!

Certo dia encontraram-se num café, o fidalgo traidor e o chefe da Polícia. O Vasco, com a sua caixa de engraxador, cuidava dos sapatos dum freguez e ouvia a conversa. E viu que o fidalgo entregava ao chefe da Polícia o retrato do chefe dos espíões para o fazer reconhecer e matar!

O chefe da polícia pôs o retrato, ao lado, em cima duma cadeira. Então, o Vasco, rapidamente, sem ninguém reparar, chamou um fotógrafo ambulante e mandou-lhe que tirasse o retrato do fidalgo, à la minute. Assim que teve o retrato nas mãos aproximou-se da cadeira onde estava o retrato que ele pretendia apanhar.

— «Quere que lhe limpe os sapatos?» perguntou êle aos dois freguêses.

E enquanto fazia a pergunta, trocava rapidamente os retratos, um e outro metidos em sobrescritos iguais.



Nessa noite, o chefe da Polícia mandava que os seus homens matassem, onde quer que o vissem, o perigoso espíão da Negrónia. E, para que o reconhecessem, ali estava o retrato...

E entregou-o, sem abrir o sobrescrito.

Daí a horas, os agentes da Polícia da Brancónia matavam a tiro o fidalgo traidor, reconhecendo-o pelo retrato que o Vasco substituíra, julgando ser êle o chefe da espionagem do país inimigo...

O Vasco, pequenino heroi, salvara a organização da espionagem do seu país!

e amigos, sempre alegre e descuidada, dormia com as portas abertas e não temia troças nem gatunos. De que me serve a riqueza? Começo a acreditar, realmente, que pêlo de rapôsa dá felicidade,

Os bichos, a quem enganei, todos se sentem felizes, porque crêem que a saúde e a boa disposição que sentem é proveniente dum pêlo de raposa. Não vêem — os palerminhas — que tudo isso é resultado da vida que levam.

Trabalham de sol a sol, a cantar e a rir. Como não haviam de ser saudáveis e felizes? E eu? Eu, feia e ridícula, as pernas enferrujadas, doente de corpo e espírito, metida neste buraco, dia e noite, vou-me sentindo cada vez mais desgraçada...

E a Raposinha Matreira chorou, sem descanso, durante muito tempo.

Até que, cansada de chorar, tomou uma resolução.

— «Vou fugir para longe, para um país desconhecido. Deixarei minha casa e todo o seu recheio. E recomeçarei a vida. Farei como os outros bichos — trabalharei a rir e a cantar. E serei feliz...»

Assim foi. Nessa noite a Raposinha fugiu de casa. Muito sorrateira, muito cautelosa, para não ser pressentida, ela arrastava-se através do bosque, quando uma voz trocista a fez parar. Era o doutor Mocho que, de cima duma árvore, a interrogava:

«Onde vais, ó Raposinha?  
— Desculpa a curiosidade!...»

E dona Raposa Matreira respondeu:

«Vou trabalhar. Vou partir, em busca da felicidade!...»

Fi m

